

MEMÓRIA E PROCESSOS LEXICAIS EM MÍDIA POPULAR

Tania Conceição Clemente de SOUZA²⁴
Jonathan Ribeiro Farias de MOURA²⁵

RESUMO

O objetivo maior deste trabalho é discutir determinados processos lexicais explorados na primeira página do Jornal Meia Hora, de circulação diária no Brasil, e sua inscrição na memória discursiva do português que se institui no Brasil. Nessa discussão, são articulados vários conceitos trazidos pela escola francesa de Análise de Discurso, sobretudo os conceitos de memória discursiva e de língua fluida e língua imaginária, estes formulados em Orlandi e Souza (1988). São inúmeros os mecanismos linguageiros presentes nas manchetes de capa do referido jornal, decorrentes ora de cruzamento vocabular, ora de cruzamento da linguagem verbal com a não verbal, os quais, uma vez perpassados pela memória de uma variável linguística vulgar, dão lugar a vários efeitos de sentido, efeitos de humor, de ironia, de denúncia, etc. É válido frisar que o alcance semântico dos enunciados inscritos não depende, apenas, do domínio da língua como um todo. Há todo um fator social que permeia as condições de produção de tais enunciados, tornando os mesmos passíveis de compreensão. A explicação desses processos, no bojo de uma linguística formal, tem se revelado insuficiente, como pretendemos mostrar com a análise dos mesmos. Mas a compreensão desses enunciados lançando mão do dispositivo da Análise de Discurso permite descrever o seu funcionamento à luz do conceito de língua fluida e a partir do conceito de gramatização, trazido por Auroux (1992). A articulação desses conceitos, ao lado do funcionamento dos enunciados em foco, se explicita, enfim, pelo fio de uma memória discursiva instituída no movimento da língua na e pela historicidade do português no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: processos lexicais; mídia popular; memória discursiva.

Introdução

A constituição da memória do Português do Brasil, como já observou Souza (1998), passa por um processo de desterritorialização por conta do traslado da Língua

24 Professora Associada da UFRJ, lotada no Departamento de Antropologia do Museu Nacional.

Praia do Flamengo 224/702, Rio de Janeiro, Brasil – 222210-065

e-mail: tania.clemente@mn.ufrj.br

25 Professor/ tecnologista, da FIOCRUZ, lotado na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

Avenida Prado Junior 48/402, Rio de Janeiro, Brasil- 22011-040

e-mail: jonathan.moura@fiocruz.com.br

Portuguesa durante o trabalho de colonização. Durante um bom tempo, até o século XVIII, porém, o tupi jesuítico, cunhado como Língua Geral, era a língua que se falava e se ensinava em nosso território.

Datam dessa época diversas publicações que defendiam a necessidade de um idioma nacional, como a *Grammatica Brasílica* do Pe. Figueira de 1611 e reeditada até 1686 e a *Grammatica da Lingua Brasileira* (brasílica, tupi ou *nheêngatu*), de 1758. Com a intervenção do Diretório de Pombal (1755), a língua “brasílica“, ou Tupi Geral é banida por um gesto jurídico de silenciá-la.

A essa altura, mais de dois séculos tinham transcorrido e o português que por aqui crescera já era outro, atravessado por outro real da história e por outro real da língua. A desterritorialização da língua dá lugar à desterritorialização da memória. O idioma que se fala no Brasil se institui menos por filiações linguísticas e mais pela discursivização de uma memória outra.

Por memória discursiva, tomamos aqui a relação do encontro da formulação de dizeres, que ganham uma atualidade no corpo do acontecimento discursivo.

Chegamos ao século XXI, e é nosso objetivo focar determinados processos de formações lexicais flagrantes em um jornal popular, no caso, o jornal *Meia Hora*. Estes são processos que só são possíveis de serem formulados e de serem compreendidos a partir da atualidade de uma memória aqui territorializada.

A noção de território, com a qual estamos trabalhando, se define com Deleuze e Guatarri (1980) como sendo um espaço relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa“. Trata-se de se pensar o território como lugar de subjetivação e, ao mesmo tempo, de individualização no seio de uma coletividade, processos onde trabalha o agenciamento de enunciações. O território ao se desterritorializar busca linhas de fuga e sai de seu curso para, afinal, se reterritorializar.

Com a reterritorialização, a língua portuguesa em contato com as línguas que aqui se falavam e com as línguas que ainda se falam²⁶ se reveste de uma materialidade discursiva singularizada face a outros falares do português, o que nos remete a pensar essa situação linguística na ordem do discurso. Com esse enfoque, a forma como a relação entre essas outras línguas se instaura na materialidade do português brasileiro

26 Não estamos nos referindo, aqui, somente às línguas indígenas, mas também a outras línguas, como o espanhol, o alemão, italiano o inglês e outras que chegam com as levas de imigrantes e as levas de escravos.

deve ser pensada para além de uma relação de contato e suas consequências. Não se trata, pois, de buscar entre o português e as demais línguas pistas de filiações linguísticas, ou de parâmetros tipológicos, ou de relações de espelho²⁷, mas sim de se pensar o contato a partir da história que se materializa na língua, resultando, assim, a identidade da língua que aqui se fala.

É com esse propósito que Orlandi e Souza (1988) formulam os conceitos de língua fluida e língua imaginária. São conceitos que permitem compreender a constituição da língua pelo viés da história, pelo viés do real da língua. Nesse sentido, as línguas imaginárias são "línguas-sistemas, normas, coerções, as línguas-instituição, a-históricas. Construção. É a sistematização que faz com que elas percam a fluidez e se fixem em línguas-imaginárias. [...]. A língua fluida é a que não pode ser contida no arcabouço dos sistemas e fórmulas." (idem). Reconhece-se a língua fluida quando os processos discursivos são estudados pela história da sua constituição, em suas condições materiais de produção.

Vale esclarecer que o conceito de materialidade discursiva com o qual estamos lidando difere de materialidade no âmbito da linguística formal. Alheia a uma natureza empírica, materialidade discursiva tem uma ordem própria, que se realiza na língua, na ordem do enunciável e na ordem da historicidade; consiste em uma relação determinada entre língua e ideologia. O discursivo materializa o contato entre o ideológico e o linguístico, na medida em que ele representa no interior da língua os efeitos das contradições ideológicas e, inversamente, ele manifesta a existência da materialidade linguística no interior da ideologia (cf: Courtine, 1982). Passemos à análise.

O jornal *Meia-Hora*

O tabloide *Meia-Hora* de Notícias, mais conhecido como *Meia-Hora*, é um jornal ligado ao grupo *O Dia*. Entrou em circulação em 2004 e destina-se às classes C e D. É oriundo do Rio de Janeiro, mas houve um período breve de circulação em São Paulo, entre 2010 e 2011, não obtendo o mesmo êxito.

27 Scherrer e Naro (1998), sobre a perda de concordância verbal no português do Brasil, partem do pressuposto de que este processo não significa uma creolização do português ao constatarem que localidades no interior de Portugal apresentam o mesmo fenômeno. Por esse viés, apaga-se a ideia de um "português mestiço", já que o português do Brasil teria, apenas, desenvolvido o fenômeno por relação de inerência. A argumentação dessa ordem toma os fatos como evidência e apaga a relação com a história.

O jornal é um sucesso de vendas (É o terceiro mais lido do estado do RJ e o sexto mais lido do Brasil), em 2013 foi eleito o periódico mais lido do Rio de Janeiro. Esse êxito nas vendas se deve ao linguajar utilizado, de forma bem coloquial, e o sucesso nas redes sociais na internet que criam memes a partir das capas do tabloide. No entanto, para os leitores de jornais mais tradicionais como O Globo, por exemplo, o jornal é uma ofensa não só pelo linguajar, mas também pelas manchetes que se destacam nas capas.

Notícias das mais variadas e inimagináveis como relação sexual entre humano e animal, briga de casal, pedidos inusitados de propina e zombarias entre times de futebol são alguns dos fatos que ganham destaque na capa do periódico. Mesmo com todas as críticas, sejam de profissionais da comunicação, como dos leitores mais conservadores de outros jornais, o *Meia-Hora* é um sucesso não apenas com as classes C e D, como também com pessoas de outras classes que comentam e compartilham as capas no meio virtual.

Processos lexicais

Apesar de o jornal em foco ser dirigido a uma faixa de público de baixo poder aquisitivo, a forma como são construídas as chamadas de capa é bastante complexa. A estrutura da capa chama a atenção devido a alguns fatos: o tipo de fotos que ilustram essas chamadas, a diagramação como um todo, o uso de cores diferentes destacando algumas palavras e, sobretudo, a formação inusitada de novas palavras, cujo processo aí inscrito escapa, na maioria das vezes, a uma descrição linguística em termos formais. Nos deteremos aqui a discutir apenas os processos lexicais²⁸ enfocando os mesmos na ordem da materialidade discursiva que os constitui. Ainda a observar, nem sempre reproduzimos a capa do jornal por inteiro, já que na análise em curso não interessa de imediato explorar os efeitos de sentido do jogo entre o verbal e o não verbal, e sim as formações lexicais em si. Selecionamos quatro tipos de formação lexical, descritos a seguir.

28 Na dissertação de Moura (2015) defendida no programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ, se discutem os processos lexicais e são colocados em questão alguns pressupostos da Linguística Cognitiva.

Blending ou mesclagem

A noção de blending é definida pela Linguística Cognitiva como a fusão de dois itens lexicais de base resultando num terceiro item, cujo significado recobre a significação total dos dois formativos envolvidos. Assim da junção de ‘boi’ com ‘bailarina’ forma-se ‘boilarina’, uma bailarina gorda. Ao olharmos o jornal como um todo, de imediato, a impressão que se tem é que o conceito de blending explicaria as ocorrências lexicais encontradas. Entretanto, tal recurso não só não descreve a maioria das formações lexicais exploradas pelo jornal, como também é pouco encontrado. Para ilustrar tal processo, escolhemos o seguinte enunciado:



Figura 1

O uso da expressão ‘delegata’ em **‘Delegata’ prende mães de santo do Pai Bruno**²⁹ resulta do cruzamento de ‘delegada’ mais ‘gata’. No português do Brasil, costuma-se chamar um homem ou uma mulher atraente de gato/gata. No exemplo em pauta, a notícia recai sobre a ação de uma mulher atraente que exerce a função de delegada, daí expressar essas duas características da mulher com um só vocábulo resultante da mescla desses dois termos.

Em termos discursivos, porém, podemos verificar que o recurso do jornal não se esgota ao lançar mão de um gesto linguageiro corriqueiro. Diferente de outras chamadas de capa, em que o jornal debocha, ironiza dos personagens jornalísticos, o tratamento dado à delegada se difere pelo uso de aspas simples circunscrevendo a palavra em uso, no caso, ‘delegata’. Trata-se de um tratamento diferenciado em torno dos fatos envolvendo a mulher delegada, uma autoridade. Seguindo Authier (1984), assinalamos aí uma marca de heterogeneidade mostrada, mas quem esta marca inscreve como sujeito? Certamente ao se valer do uso das aspas, o jornal não o faz porque o enunciado ‘delegata’ pode ser definido como inusitado, nem para chamar a atenção do leitor

²⁹Capa publicada em 25/06/2012.

contumaz. É à delegada que o jornal se dirige, é o lugar dela como autoridade que aí está inscrito. Tal gesto, por outro lado, não nos parece ser um simples gesto de respeito, mas sim uma estratégia de antecipação quando estão em confronto duas formações ideológicas: a do jornal que joga com a polissemia aberta, com o lúdico e a da delegada que pode, do seu lugar de autoridade, entender tal gesto como injúria.

Polissemia lexical

Estamos definindo polissemia lexical como a possibilidade de uma palavra que, uma vez inserida num determinado campo semântico, delimita um domínio discursivo no qual passa a ter mais de uma acepção por relação a este domínio. É o caso, por exemplo, da palavra ‘penoso’ na manchete ilustrada abaixo:



Figura 2

O grande mote dessa manchete³⁰ gira em torno do personagem Bruno. Este, jogador de um time de futebol no Rio de Janeiro, ocupava a posição de goleiro, quando passou a ocupar também as manchetes dos jornais devido ao seu envolvimento com o crime de desaparecimento e consequente homicídio de sua ex-companheira.

30 Publicada em 17/03/2013.

A chamada principal é sobre a estadia do goleiro Bruno na prisão. Por se saber que ele jogava no gol, o jornal explora gírias ligadas ao jargão futebolístico. Uma delas é a de “levar um frango” significando que o goleiro perdeu a oportunidade de agarrar uma bola dita “fácil” de ser agarrada, ou também, que um goleiro “frangueiro” é um goleiro que sempre recebe gols.

A partir desse linguajar do futebol, o jornal explora palavras do mesmo campo semântico de frango. Então temos “penoso” fazendo uma referência à dieta difícil que o jogador está tendo na penitenciária. Tudo isso seria irrelevante se não estivesse sendo trabalhada a posição em que Bruno jogava. Ao evocar a palavra “frango”, os sujeitos-leitores fazem logo uma referência à posição do jogador e nas dificuldades por que tem passado na cadeia. Há uma correlação entre a dificuldade do goleiro em campo - ou seja, levar gols, ser frangueiro - e a dificuldade em se adaptar numa penitenciária e viver comendo frango sem opção de escolher a sua própria refeição.

Além disso, “penoso” pode significar “custoso” definido segundo o minidicionário Aurélio como: (1) Que causa sofrimento ou incômodo; (2) Difícil, complicado. Uma terceira acepção da palavra ‘penoso’ resulta do jogo entre o verbal e o não verbal, quando se observa a cabeça da manchete:



Figura 3

A figura do frango de borracha no canto esquerdo substitui a palavra “frango” e funciona, sintaticamente, como o sujeito da frase: **[Frango] é a dieta do penoso**. Com essa leitura, mais uma vez, chega-se a um outro sentido para a palavra “penoso”, podendo significar com deboche (!?) ‘aquele que cumpre pena’.

O que é pertinente em termos discursivos destaca-se com esse processo é que todas essas possibilidades de significação não são previstas como entradas lexicais do português, mas são formuladas neste domínio discursivo específico - goleiro e futebol.

Há uma memória que atravessa esse conjunto de dizeres e projeta a formação ideológica de um leitor que aí se inscreve.

Esse tipo de produção léxico-discursiva é um dos mais utilizados no jornal, embora no âmbito de uma linguística formal não possa ser definido em sentido estrito como polissemia. Como o escopo de nosso trabalho é a Análise de Discurso, os três sentidos de ‘**penoso**’ como ‘aquilo que causa sofrimento’, ‘aquilo que é custoso’ e como ‘aquele que cumpre pena’ podem ser entendidos pela noção de efeito metafórico, entendido como a substituição contextual numa distância entre X e Y (Pêcheux, 1975). Trata-se, então, em atestar que a deflagração de sentidos se dá numa rede parafrásica, instituída pelo próprio caráter de incompletude da linguagem.

Sonoridade e lexicalização

As formações lexicais que vamos analisar a seguir são, de fato, inusitadas, pois passam por todo um processo fonológico, e o resultado desse trabalho de sonorização resulta na lexicalização dos enunciados criados pelo jornal.

Os enunciados destacados de manchetes veiculadas em datas diferentes³¹ são: ‘pó-pozuda’ e ‘pó-rigüete’. Trata-se de duas notícias sobre mulheres envolvidas com tráfico de drogas. E, nesses exemplos, o jornal lança mão de gírias usadas em certas comunidades num trabalho de referenciação de certos tipos femininos. Joga também com cores diferenciadas na redação da chamada de capa.

A notícia veiculada em fevereiro de 2013 aborda o fato de duas jovens de classe média terem sido presas no aeroporto, ao tentarem embarcar com shorts acolchoados com cocaína. A chamada para o fato vem com a seguinte frase:



Figura 4

31 Publicadas em 1º/02/2013 e 12/03/2015

A palavra ‘popozuda’ em linguajar popular se refere à mulher cujas nádegas são avantajadas. Já a palavra ‘buzanfa’, termo antigo com mais ou menos o mesmo sentido, é usado para indicar o lugar onde as meninas estavam levando as drogas. Mais uma vez, a partir do fato empírico, a forma inusitada de traficar droga, instaura um campo semântico e um domínio discursivo se abre a partir daí.

A formação lexical de ‘pó-pozuda’ envolve mecanismos um tanto complexos: primeiro há a desincorporação da sílaba /po/ da palavra ‘popozuda’ e, através da dissimilação do traço fonético da vogal fechada, que passa a ser realizada como vogal aberta [ó], cria-se um novo item lexical composto. Essa mudança de traço fonético se dá para atender à realização sonora da palavra /pó/ e compõe o novo vocábulo: pó-pozuda.

De todo esse processo resultam dois fatos: a criação de um novo item lexical (pó-pozuda) com o movimento de desincorporação de uma sílaba, sem status de formativo, mas que que passa a ser relexicalizada como tal. Interessante é observar que o deslizamento de popozuda para pó-pozuda é que faz da sílaba destacada um item lexical, que por efeito metonímico significa ‘cocaína’.

Outro movimento nesta notícia que merece atenção é a mescla do texto verbal com o não verbal. Essa junção nunca é aleatória. Faz parte da complexidade discursiva das capas, revelando a relação da complementaridade de sentidos entre o verbal e o não verbal.

É o caso, por exemplo, do destaque da sílaba [pó]. Além de todos os mecanismos linguísticos que descrevemos acima, observa-se que a desincorporação da sílaba é sublinhada por uma cor diferente dentro do vocábulo pó-pozuda. ‘Pó’ vem na cor branca (como é a cocaína), dentro do sintagma ‘A pó-pozuda’ escrito em amarelo. Essa mudança de cor acompanha a relexicalização da palavra ‘popozuda’ e da sílaba [pó].

Um outro exemplo semelhante a este vem na manchete de março de 2015, que noticia o fato envolvendo uma mulher bonita de classe média, ligada ao tráfico de drogas em favelas da zona sul do Rio de Janeiro:



Figura 5

A expressão ‘**periguete**’ é usada popularmente para se referir a uma mulher que chama a atenção pelos dotes físicos, pela maneira como se veste e como se comporta, representando um perigo “atraente” para os homens. O recurso é próximo ao anterior, pois envolve a mudança sonora da sílaba [pe] para [pó], fazendo significar no plano sonoro a droga (cocaína) e fazendo alusão à mesma no jogo de cores nos títulos.

Apesar de serem semelhantes, há diferenças no que se refere ao processo de lexicalização. A palavra ‘**póriguete**’, como no caso da palavra ‘delegata’, é possível de ser analisada como *blending lexical*, enquanto ‘pó-pozuda’ não poderia. Em ‘**pó-pozuda**’, além da lexicalização da sílaba [pó], a formação da palavra composta ‘pó-pozuda’ dá margem à leitura de alguém que “posa com pó”, apesar de a grafia de “pose” ser diferente. Por outro lado, a desincorporação da sílaba /pé-/ em ‘periguete’ não daria lugar a um novo item lexical, pois *-riguete nada significa (diferente de posuda). Logo os recursos languageiros dos quais o jornal lança mão não são alheios à constituição do léxico da língua.

Enfim, são inúmeros os artifícios de linguagem que o jornal Meia-Hora produz diariamente. São peças de um jogo polissêmico denso, emprestando às notícias um caráter lúdico.

Considerações finais

A partir desses processos arquitetados pelo jornal, vimos emergir a polissemia aberta. O trabalho com o discurso lúdico aponta como essas estratégias são recursos para que o jornal não seja alvo de ações judiciais. Ora pelo que noticiam, ora pelas personagens alvo das notícias. Ao contrário de periódicos com um alto prestígio, a forma de configurar as capas dá margem a enunciados com mais de uma interpretação,

forjada na discursividade do jornal como um todo. Ocorre ainda o recurso à sobreposição entre palavras e imagens e o uso frequente de jargões populares, entre outros.

Com relação à memória, há algumas questões a serem levantadas.

Até que ponto as formações lexicais do Meia-Hora são, ou virão a ser, inscritas na memória social? De imediato, podemos dizer que só o tempo dirá, mas há uma colocação interessante feita por Traugott e Trousdale (2012) sobre *construcionalização lexical*. Os autores, filiados à escola funcionalista, discutem o alcance de construções lexicais que passam a ser instituídas pelo uso na língua. Tomam como exemplo o caso da frase “*Orange is the new black*” que, a princípio, não faria sentido algum. No entanto, após começar a ser usada pela imprensa de moda, em um primeiro momento, para se referir às tendências de cores (tendo o preto como sempre uma opção garantida de bom gosto), essa expressão passou a ser utilizada pelas pessoas e se transformou em um esquema do tipo [x é o novo y], no qual x e y podem ser substituídos por diversos elementos, contanto que os domínios conceituais estejam em paralelo, ou seja, que, por analogia, estejam dentro da mesma rede. No exemplo, “*Orange*” se refere à moda das famosas que agora passam temporadas na cadeia e se tornou, inclusive, nome de um seriado de TV. De acordo com os autores, este seria um exemplo de mudança construcional, pois foi criado um novo pareamento forma-significado. Ou seja, há uma força significativa na mídia que acaba por inscrever na língua enunciados, palavras e jogos conotativos veiculados em jornais e revistas.

Ainda a esse respeito, lembramos do tabloide *Pasquim*, que circulou durante os anos de chumbo no Brasil. É atribuído aos editores do tabloide o uso de várias expressões que ganharam corpo na língua: “esquerda festiva“, “o seguinte“, “putz“, “dica“, etc. A expressão “dica“ é uma abreviação de “indicações“, título de uma coluna de promoção de shows, peças de teatro, livros, filmes. Em pouco tempo a coluna mudou o nome para “dicas“, corruptela de indicações³². Na primeira edição do dicionário Aurélio (1974), “dica” aparece tendo, de forma interrogativa, a origem etimológica no verbo “indicar“, e tem como sinônimo a expressão “pla“, “pla pla“, que hoje em dia significa “conversa“, “assunto“. No dicionário Aurélio (on line), “dica“ tem, hoje, como significado “Indicação de informação útil, geralmente pouco divulgada“. O deslizamento de “pla“ como significado de “dica” para “indicação de informação“

32 Agradecemos ao amigo João Batista, jornalista, pela dica.

atesta os movimentos discursivos que se inscrevem na memória e dão corpo à língua que aqui se fala.

Pode-se também assinalar aí um processo contínuo de gramatização e de (re)gramatização. “Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de suas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário.” (Auroux, 1992). O processo contínuo de gramatização, e não apenas relacionado à formação da hiperlíngua, como propõe Auroux, traz um retorno à estrutura das línguas, quando ao reconfigurar o sistema institui diferenças entre as línguas em contato³³, ou como entendemos aqui, também entre as línguas aparentadas. Essas diferenças flagrantes na língua fluida, ao serem *descritas* e *instrumentadas* pela gramática e pelo dicionário, acabam por ganhar corpo na língua-sistema, na língua imaginária. E passam a fazer parte da memória da língua.

A outra questão diz respeito ao alcance significativo desses recursos do Meio-Hora pelos leitores do jornal. Se os efeitos de sentido encontram uma resposta na tiragem do jornal – tanto assim, que o jornal vende! -, se deve a um trabalho do interdiscurso já instituído tanto na discursividade do jornal, quanto na compreensão e aceitação do leitor deste tipo de mídia. Trata-se de atestar aí o trabalho de uma memória instituída no corpo da língua fluida, de uma língua que flui no curso da memória que aqui se territorializa.

Enfim, buscamos evidenciar como esses fatos trabalham na materialidade discursiva do português do Brasil. Como afirma Eduardo Galeano, “*Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias*”, e as línguas também, dizem os analistas de discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Authier-Revouz, Jaqueline. 1984. Hétérogénéité(s) Énonciative(s). Paris: *Langages* 73.

_____. 1990. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 19 Campinas, SP: UNICAMP/IEL.

33 Conferir, por exemplo, a aquisição do formativo [-puba] no português do Brasil. Este é um formativo que, em tupi, se incorpora a nomes para significar ‘coisa-azedada’. Em português puba é relexicalizado como item autônomo passando a fazer parte de paradigmas nominais e verbais (verbo pubar). (cf: Souza, 2011)

- Auroux, Sylvain. 1992 *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. Tradução: Eni Orlandi.
- Courtine, Jean-Jacques. 1982. Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en Analyse du Discours, *PHILOSOPHIQUES* Vol. IX, no. 2.
- Deleuze, Gilles e Guatarri, Félix. 1996. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo, SP: Editora 34. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Ana Cláudia Leitão.
- Deleuze, Gilles e Guatarri, Félix. 1980. *Mille plateaux - Capitalisme et schizophrénie*. Paris, France: Les Éditions de Minuit, Paris.
- Figueira, Pe Luiz . 1878 (1611) *Arte de grammatica da língua brasílica. Reprodução facsimilar por J. Platzmann sob o título Grammatica da língua do Brasil*. Leipzig: B.G. Teubner.
- Moura, Jonathan. R. F. 2015 *Capas do jornal Meia-Hora: uma análise discursiva do verbal e do não verbal*. 87 folhas. Dissertação- Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.
- Orlandi, Eni. 1988 *O contato entre línguas: Que modelos?*. Colóquio do Departamento de Linguística, Campinas: IEL/UNICAMP.
- Orlandi, Eni. e Souza, Tania C. Clemente de. 1988 *A Língua Imaginária e a Língua Fluida: Dois Métodos de Trabalho com a Linguagem, Política Lingüística na América Latina*, Campinas, Pontes.
- Pêcheux, Michel. 1988 *Les Vérités de la Palice*, Paris, Maspero, 1975. Tradução brasileira: *Semântica e Discurso*, tradutores: Eni Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Corrêa e Silvana Serrani. Campinas, Ed:UNICAMP.
- _____. 1990 (1988) *O Discurso - Estrutura ou Acontecimento*, Campinas, Pontes. Tradução: Eni Orlandi.
- Scherrer, Martha Pereira e Naro, Anthony. 1998 *Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal no português*. Fórum Linguístico, v.1.
- Souza, Tania C. Clemente de. 2001 *Aspetos da historicidade da língua portuguesa falada no Brasil*. In: Orlandi, Eni. (org) *A construção do saber metalingüístico e Constituição da Língua Nacional*, Cáceres, MT: UNEMAT Ed. e Pontes.
- _____. 2011 *Língua nacional e materialidade discursiva – a influência do Tupi*. In: Mello, Heliane et al (org.) *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.
- _____. 1998 *A oralidade como passagem histórica para a escrita: vestígios da oralidade nas gramáticas*. Comunicação no Encontro do Projeto História das Ideias Linguísticas. São Paulo, SP: USP.

Sympson, Pedro Luiz. 1926 (1876) *Grammatica da Língua Brasileira (Brasílica, Tupi ou Nheêngatu)*. Edição terceira, Rio de Janeiro: Impresores Francisco, Neiva & C. Conceição.

Traugott, Elizabeth. C. E Trousdale, Graeme. 2012 *Lexical constructionalization*. Conferência. Espanha, Universidade de Santiago de Compostela.